



Cloves de Castro

# Cloves de Castro, trajetória exemplar de um lutador social

Pedro Estevam da Rocha Pomar  
Livre Docente em História Contemporânea na USP

Ele é um dos mais antigos militantes petistas em atividade. Mas certamente também é um dos mais antigos militantes comunistas em atividade no Brasil. Contraditório? Não. Cloves de Castro, livreiro, ex-metalúrgico, militante do Partido dos Trabalhadores e um de seus fundadores, reivindica-se comunista, sem vacilar.

Cloves ingressou no PCB, então ainda Partido Comunista do Brasil, em 1959. Nele militou ativamente e nele permaneceu quando este mudou seus estatutos e passou a chamar-se Partido Comunista Brasileiro, em 1961. Mas em 1966 ou 1967 passou para a Dissidência (conhecida como DI), ala que, sob comando do ex-deputado constituinte Carlos Marighella, iria se transformar na Ação Libertadora Nacional (ALN), um dos principais agrupamentos de oposição armada à Ditadura Militar.

Participou do setor de massas da ALN até ser preso, o que veio a ocorrer em princípios de 1970. “Eu, por ser de Ribeirão Preto, só vim a conhecê-lo na cadeia, cela 5 do Pavilhão 2, do Presídio Tiradentes. Na mesma cela estivemos uns 18 meses”, relata Carlos Russo Jr., que também atuou na ALN. “Ele esteve preso ao redor de dois anos, dois anos e meio. Não sei ao certo, pois em 1972 fui transferido para a Penitenciária Carandiru. Cloves foi libertado em 1971”.

Russo Jr. destaca a combatividade, a “moral proletária” do seu companheiro de militância. “Saí da prisão em 1974, fui para o exílio e voltei antes da anistia. E quem eu encontro já realizando reuniões, que na época ainda eram clandestinas? O Cloves”.

Cloves retorna ao trabalho (na Legas Metal, então uma pequena empresa) e passa a militar na Oposição Metalúrgica de São Paulo. Destaca-se na histórica greve de 1978, que eclodiu em meio

à disputa eleitoral no Sindicato dos Metalúrgicos, à época presidido por Joaquinção, protótipo do peleguismo. A edição em DVD de Braços Cruzados, Máquinas Paradas, ótimo documentário de Roberto Gervitz, Sérgio Toledo e Aloysio Raulino, traz, além das imagens colhidas no calor da hora, depoimentos dos líderes dessa greve e das chapas 2 e 3 (de oposição), entre eles Cloves, feitos trinta anos depois.

Cloves realça, em seu testemunho, a importância da unidade e da democracia nas experiências de 1978: “Quando se discutia a campanha salarial, nós discutíamos com todo mundo, e íamos para o Sindicato unidos. Unidos em todos os sentidos, inclusive na porrada”, isto é, a solidariedade também se expressava na autodefesa do grupo frente às agressões físicas.

No final da década de 1970, Cloves dedica-se ao projeto de fundação do Partido dos Trabalhadores. “Juntos estivemos nos primeiros encontros dos quais nasceria o PT. Juntos estruturamos e colhemos assinaturas, casa a casa, para o reconhecimento do PT da Aclimação, Vila Mariana e zona sul. Quanto brigamos com a Libelu...”, conta Russo Jr. “Apenas nos separamos, por alguns anos, quando eu decidi deixar o PT e ele continuou”.

Continuou mesmo. Hoje, aos 72 anos, Cloves prossegue firme na militância política e social. É dirigente estadual da corrente petista Articulação de Esquerda e atua em mais de uma frente de luta. Com antigos companheiros da ALN, como José Luiz Del Roio, Guiomar Lopes, Takao Amano, Ary Normanha e o próprio Russo Jr., foi um dos fundadores da Associação Cultural Nelson Werneck Sodré, cuja finalidade é lutar por memória, verdade e justiça e desmascarar os crimes da Ditadura Militar.

Esse que Guiomar chama de “queridíssimo amigo” é assim definido por Russo Jr.: “exemplo de tenacidade, decência e integridade, artigos muito raros, infelizmente”. Vale, aqui, lembrar o que disse Cloves ao avaliar em retrospectiva a experiência da Oposição Metalúrgica, com seus antigos companheiros Hélio Bombardi, Waldemar Rossi, José Pedro da Silva e Fernando do Ó: “Estamos bem com a nossa consciência, valeu a pena tudo que fizemos. Não enriquecemos. Não abandonamos a luta. E continuamos essa caminhada”.

*\*Contei com a valiosa colaboração de Carlos Russo Jr, Gilberto Maringoni, Thiago de Castro, Ana de Castro e Guiomar Novaes, aos quais agradeço.*